

A VERACIDADE DA EXISTÊNCIA DE LIGEIA NO CONTO HOMÔNIMO DE EDGAR ALLAN POE

THE VERACITY OF LIGEIA'S EXISTENCE IN EDGAR ALLAN POE'S HOMONYMOUS SHORT STORY

Lucélia Magda Oliveira da Silva (UFMA)¹
Naiara Sales Araújo Santos (UFMA)²

Resumo: Sabe-se que a partir do Romantismo, o fantástico passou por um processo de remodelagem. Os componentes que antes causavam terror/pavor nas personagens e leitor (criaturas sobrenaturais, como vampiros, lobisomens, bruxas e fantasmas) são substituídos pelo próprio homem, que torna-se o objeto central do sobrenatural, do surreal, atormentado por seus próprios demônios, pela sua consciência, por suas angústias, paixões e pela incerteza diante dos acontecimentos. Nesse contexto, os contos de Edgar Allan Poe e “A Metamorfose”, de Franz Kafka são um marco na reconfiguração deste gênero literário. Partindo desse pressuposto, este estudo visa realizar uma breve análise da personagem Ligeia, do conto homônimo escrito por Edgar Allan Poe, levando em consideração a forma inexplicável de sua reaparição. Pretende-se questionar a veracidade da existência da moça, pois alguns aspectos que lhe são atribuídos levam o leitor à incerteza da existência de Ligeia: que ela não passaria de uma ilusão por parte do narrador-personagem, pois este possuía o costume de utilizar substâncias entorpecentes. Para tanto, serão utilizados como aportes teóricos os livros “O Horror Sobrenatural na Literatura”, de Howard Phillips Lovecraft (2007); “Introdução à Literatura Fantástica”, de Tzvetan Todorov (2012); “Histórias Extraordinárias”, de Edgar Allan Poe (2011); “A Ameaça do Fantástico” (2014), de David Roas; bem como outras obras que possam trazer maiores contribuições para a análise proposta.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe. Ligeia. Fantástico. Todorov. Lovecraft. Roas

Abstract: *The Fantastic Literature has passed through a remodeling process since the Romanticism. The components that first caused fear in the characters and in the reader (supernatural creatures like vampires, werewolves, witches and ghosts) have been replaced by man himself, who is turned into the supernatural and surreal central object, haunted by his own demons, his conscious, his woes, passions and by the uncertainty before the events. In this context, Edgar Allan Poe's short stories and Franz Kafka's "The Metamorphosis" are a landmark in this literary genre reconfiguration. Based on this assumption, this study purpose*

¹ Lucélia Magda é graduanda do curso de Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal do Maranhão, onde faz parte do grupo de estudos literários FICÇA – Ficção Científica e Gêneros Literários Pós-Modernos, atuando na linha de pesquisa de Literatura Fantástica, desenvolvendo trabalhos relacionados ao gótico romântico. Foi bolsista PIBIC de agosto de 2016 a agosto de 2017. E-mail: lumagdas@hotmail.com

² Doutora em Literatura Comparada pela *London Metropolitan University*, Inglaterra (2013). Professora da Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFMA. E-mail: naiara.sas@gmail.com

is to achieve a brief analysis about the character Ligeia, from Edgar Allan Poe's homonymous short story, considering her mysterious reappearance. This study aims to question the veracity of the maiden's existence, since some aspects attributed to her make the reader question her existence: that she would be nothing less than the first-person narrator illusion, since he usually used narcotic substances. For this purpose, this study utilizes as theoretical input the books "O Horror Sobrenatural na Literatura", by Howard Phillips Lovecraft (2007); "Introdução à Literatura Fantástica", by Tzvetan Todorov (2012); "Histórias Extraordinárias", by Edgar Allan Poe (2011); and "A Ameaça do Fantástico" (2014), by David Roas; as well as other works which can contribute to the proposed analysis.

Keywords: Edgar Allan Poe. Ligeia. Fantastic Literature. Todorov. Lovecraft. Roas.

1. INTRODUÇÃO

O insólito é marcado por "acontecimentos que podem ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma forma ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes" (TODOROV, 2006, p. 157) pois, aquilo que não acontece habitualmente, algo incrível, que pode manifestar-se nos gêneros Fantástico, Maravilhoso (sobrenatural aceito, visto como um acontecimento cotidiano, como em geral acontece nos contos de Gabriel Garcia Marques: por exemplo, um anjo que passa a fazer parte da sociedade de um vilarejo; ou uma jovem que, por conta de um espinho no dedo, sangra até a morte), Estranho (sobrenatural explicado. Um exemplo análogo ao gênero Estranho seria a série de desenho animado *Scooby-Doo*, onde temos um elemento aparentemente sobrenatural, mas que é explicado racionalmente ao final de cada episódio da animação – geralmente são pessoas caracterizadas como lobisomens, bruxas ou fantasmas), sobrenatural, ficção científica, romance de mistério e o policial.

Seres mágicos sempre fizeram parte do imaginário humano, e histórias ligadas a essas criaturas remontam aos primórdios da humanidade. Esses elementos sobrenaturais geralmente eram criados para tentar explicar fenômenos naturais, aos quais ainda não se possuía uma explicação racional. A mitologia nórdica, por exemplo, afirmava que quando havia descargas elétricas em uma tempestade, era porque o deus Thor estava com raiva ou combatendo seus inimigos com seu martelo mágico, o *Mjönir*. Já os gregos diziam que um dos motivos para

que os marinheiros não retornassem de suas aventuras eram os feitiços lançados pelas sereias: monstros marinhos metade peixe e metade mulher, que, por meio de seus cânticos, hipnotizavam os viajantes e os atraíam para armadilhas fatais.

Com a implementação do cristianismo na Europa durante o período medieval, os antigos deuses e outras criaturas pagãs foram demonizadas. Assim, qualquer tipo de associação com a antiga tradição era visto como a manifestação do mal. Dessa forma, começam a surgir histórias de bruxas, dragões, fantasmas e outras criaturas que tinham por função amedrontar os humanos, sobretudo os cristãos. Esse tipo de narrativa fez sucesso por muito tempo, porém, com o advento do Iluminismo e da conseqüente valorização da razão, passaram a perder o prestígio de outrora. Percebeu-se, então, a necessidade de se criar um novo tipo de narrativa, que pusesse o homem no centro dos tormentos dessas histórias. A partir do Romantismo, movimento literário em que este tipo de literatura se consolidou, os contos de horror passaram por uma remodelagem: agora seria a vez do homem ser o causador do terror e pavor a ser experimentado pelas personagens e pelo leitor. Sua consciência, angústias e aflições, além da incerteza diante dos acontecimentos, serão elementos importantes no novo modelo do fantástico sobrenatural que estava em desenvolvimento.

Destarte, obras como *Dr. Jenkyll e Mr. Hyde* (ou *O médico e o monstro*), de R. L. Stevenson; e *A Metamorfose*, de Franz Kafka; além das obras de Edgar Allan Poe, serão um marco na reconfiguração deste gênero literário. Em Poe, particularmente, suas personagens terão episódios de loucura, acessos de raiva e distúrbios comportamentais, além, é claro, de serem os pacientes ou agentes da ação sobrenatural descrita na história.

Tendo isso em vista, este trabalho pretende analisar a veracidade da existência de Ligeia, no conto homônimo de Poe, observando, dentre outros fatores, o momento sobrenatural quando da “ressurreição” da moça, questionando se realmente poderia se tratar de um evento misterioso ou de um delírio por parte do narrador personagem, que possuía o costume de utilizar substâncias entorpecentes.

Para tal efeito, será feita uma breve explanação do gênero Fantástico, perpassando por aspectos da narrativa gótica (que muito influenciaram o autor na construção de seus contos), além de um breve comentário sobre a vida de Poe e das principais características de suas obras, chegando, finalmente, à análise do conto selecionado.

2. O FANTÁSTICO SOBRENATURAL

Quando se estuda o fantástico, pode-se perceber que há um consenso entre os críticos literários, que afirmam que a presença do sobrenatural é condição indispensável para que um texto possa ser considerado Fantástico (ROAS, 2014 p. 25). Porém, esta não é a única condição para a categorização no gênero, pois, por exemplo, as epopeias contém elementos sobrenaturais (deuses, ninfas, monstros), porém suas entidades sobrenaturais são vistas como componentes da sua realidade. Para que uma obra possa ser considerada Fantástica é preciso que o elemento sobrenatural cause uma interrupção brutal na realidade, levando tanto a personagem quanto o leitor à hesitação:

Produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que percebe deve optar por uma das soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas neste caso a realidade é regida por leis desconhecidas por nós. O Fantástico ocorre nessa incerteza. [...] O Fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis da natureza, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 2012, p. 30 - 31).

Seguindo a mesma perspectiva de Todorov, David Roas (2014, p.31) complementa, afirmando que a narrativa Fantástica deve criar um ambiente verossímil ao que o leitor habita, que será instabilizado pelo fenômeno sobrenatural. Pode-se, então, perceber que o mundo da narrativa Fantástica possui leis próprias que transgridem às leis naturais que regem o mundo real, apesar de ambos serem aparentemente idênticos. Tal característica é necessária para que ocorra o chamado “efeito fantástico”, ou seja, a incerteza na percepção da realidade. Porém, é preciso

que a dúvida quanto a realidade do fato sobrenatural seja perpetuada até o fim da narrativa e que leve o leitor a refletir sobre os acontecimentos que permeiam a história.

Já Lovecraft (2007), traz mais um elemento para caracterizar o Fantástico: o medo. Para o autor, uma boa história sobrenatural deve conter muito mais que ossos ensanguentados ou lençóis flutuantes que arrastam correntes. A história deve ser construída de tal forma, que gere desconforto no leitor.

[...] Devemos julgar uma história fantástica não pela intenção do autor ou pela simples mecânica do enredo, mas pelo nível emocional que ela atinge em seu ponto menos banal. Se as sensações apropriadas forem provocadas, esse 'ponto alto' deve ser admitido, por seus próprios méritos, como literatura fantástica, pouco importando quão prosaicamente ele seja degradado na sequência. (LOVECRAFT, 2007, p. 17 – 18)

Lovecraft ainda chega a afirmar que, nos contos góticos (modelo de narrativa fantástica a ser analisado neste trabalho, que tem por objetivo suscitar o medo no leitor – mas não a ponto de forçá-lo a abandonar a leitura), é necessário que o autor consiga envolver seu leitor de tal forma que, mesmo estando assustado, ele sinta prazer no que está lendo. E, ainda segundo o autor, “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido” (LOVECRAFT, 2007, p. 13). E se houve alguém que conseguiu e ainda consegue suscitar esse sentimento em quem o lê, sem dúvida alguma foi Edgar Allan Poe. As principais características de suas obras serão retratadas no próximo tópico deste trabalho

3. O “PAI” DOS CONTOS DE TERROR

Edgar Allan Poe nasceu em 19 de Janeiro de 1809. Era o segundo filho de David Poe e Elizabeth Arnold, porém, como tornou-se órfão muito cedo, foi adotado por John Allan e Frances Kelling Allan. Estudou na Inglaterra e na Universidade de Virgínia (EUA), mas abandonou a universidade para se dedicar à carreira militar. Em 1835, casou-se com sua prima Virgínia Clemm, de 13 anos, que

faleceu ainda muito jovem após grave doença. Poe foi poeta, editor, crítico literário e contista, fazendo parte do movimento romântico dos Estados Unidos. Seu primeiro livro publicado (anonimamente) foi uma antologia de poemas, onde o principal seria *O Corvo*; no entanto, destacou-se como escritor de contos macabros, onde todas as ações aparentemente sobrenaturais são consequências de atos humanos. Suas histórias sempre têm um viés biográfico, pois parecem repassar sua melancolia e excentricidade, além de que, na maioria de seus contos, os personagens são neuróticos e seus cenários são escuros, o que sugere a morte (sendo bastante abordada e estando ligada ao mistério) e a fatalidade:

Depois que eu lhes contar toda a história com bastante calma, sei que vão concordar comigo. É verdade! Sou muito nervoso. Mas não sou louco. E meu ouvido sempre foi muito bom. A doença não entorpecer meus sentidos. Antes, aguçou-os. Eu ouvia todas as coisas: do céu, da terra.

Até do inferno.

Como, então, sou louco?

Ouçam: uma ideia penetrou no meu cérebro. Sei que ficou comigo, dia e noite. E eu gostava do velho. Nunca me fizera mal algum. Eu não desejava nem o seu ouro. Não havia motivo. Penso que era o olhar dele! Sim, era isso. Um de seus olhos parecia com o de um abutre... de cor azul-pálida, um olho que sofria de catarata. Coberto com uma horrível película. Desbotado. E quando me olhava, meu sangue se enregelava. Foi assim, por isso, que me decidi acabar com o velho. Eu não o matei. Destruí seu maldito olho de abutre que me punha nervoso.

Eu sei tudo o que eu fiz com o velho. Ninguém pode me chamar de louco. Os loucos nada sabem. (POE, Edgar Allan. *O Coração Denunciador*. In.: *Histórias Extraordinárias*, 2011, p. 97)

Uma figura recorrente é a da “mulher morta”, devido à sensibilidade de Poe em relação à morte precoce da sua esposa, o que acentuou ainda mais o seu vício alcoólico, levando-o à decadência e consequente morte, em 07 de outubro de 1849, aos 40 anos. Outro ponto importante a ser citado em sua obra é a impressão de realismo dentro do irreal, devido ao constante uso do “eu” e dos verbos em primeira pessoa, o que faz com que o leitor acredite que os fatos aconteceram com o próprio autor.

Nasci aqui. Minha mãe morreu aqui. Há em mim uma lembrança tão forte de formas, expressões e até de sons que, creio, devo ter vivido uma vida anterior a esta. Estou convencido disso. A lembrança é vida demais. Estou certo de que vivi muito mais, por aqui, antes de tudo o que vou contar. Antes do que aconteceu agora. Mas não tentarei convencer ninguém, nem discutirei a respeito do que creio. Creio. E basta. (POE, Edgar Allan. *Os Dentes de Berenice*. In.: *Histórias Extraordinárias*, 2011, p. 69)

Em seu livro, o *Histórias Extraordinárias*, Poe retrata com intensidade o seu pessimismo e seu espírito macabro, servindo como modelo para demais produções literárias fantásticas, além de ser um manancial para análises acadêmicas. Na próxima seção deste artigo será analisado o elemento sobrenatural ligado à moça Ligeia, personagem do conto homônimo que compõe o corpus do livro supracitado.

Suas principais obras incluem os poemas *O Corvo*, *Para Helena*, *Annabel Lee*; e os contos *O Gato Preto*, *O Coração Delator*, *A Queda da Casa de Usher*, *Berenice*, *O Barril do Amontilado*, *William Wilson*, *Os Crimes da Rua Morgu*, *O Retrato Oval*, entre outros.

4. O CONTO LIGEIA

Como é característico de Poe, o seu conto *Ligeia* é narrado em primeira pessoa, o que leva o leitor a crer que os fatos narrados aconteceram consigo mesmo. O narrador, a quem o autor não atribui um nome (outra característica estilística) afirma ser casado com uma moça chamada Ligeia. Sendo muito apaixonado pela moça, o narrador vê-se devastado quando ela morre. Dessa forma, “entrega-se” ao vício do ópio e parte de casa, a fim de fazer viagens. Em uma de suas jornadas, encontra uma abadia abandonada e decide comprá-la, tornando-a sua nova moradia. Nessa mesma época, casa-se com lady Rowena Trevanion e a leva para morar na abadia, que havia sido decorada para ser utilizada como lugar de recordação (e por que não de “culto”) à Ligeia. Contudo, passados dois meses de seu segundo casamento, sua esposa é acometida de grave doença, da qual não consegue se recuperar.

Os momentos antecessores e posteriores à morte de Rowena serão marcados por acontecimentos aparentemente sobrenaturais, mas questionáveis, devido ao fator “uso do ópio” por parte do narrador. As principais hipóteses levantadas, considerando o fator supracitado são: o narrador já fazia uso de substâncias entorpecentes antes do falecimento de Ligeia, levando a crer que a

mesma não passaria de uma alucinação; quando, ao narrador oferecer uma taça de vinho para Rowena, já moribunda, o narrador vê caírem algumas gotas de um líquido vermelho, o que faz com que o estado de saúde de sua esposa piore consideravelmente; bem como o momento “sobrenatural” após a morte de Rowena: o reaparecimento de Ligeia. Essas três hipóteses têm por finalidade discutir a aparente existência de Ligeia, buscando a solução para a pergunta: seria a moça o fruto da imaginação de um viciado?

4.1. As damas: Ligeia e Rowena

O primeiro ponto a ser levado em consideração sobre Ligeia é a profunda falta de lembranças do narrador para acontecimentos que deveriam ser marcantes em sua vida, já que ele era profundamente apaixonado pela moça. Logo no começo do conto o autor se lastima por não lembrar de absolutamente nada sobre o seu passado com Ligeia: nem como se conheceram, nem o nome de família da moça. O narrador chega a afirmar que não seria possível lembrar de tais “detalhes, pois tudo em Ligeia era grande e importante demais” (POE, 2011, p. 117). E, a partir disso, faz uso de adjetivos enaltecendo para descrever Ligeia. Contudo, duas de suas características mais marcantes eram o olhar (que o narrador diz não existir olhos iguais aos de Ligeia, sendo que seria possível reconhecê-los em qualquer parte) e o leve “andar” da moça, que só tornava possível perceber a sua presença quando ela lhe sussurrasse no ouvido. Esta última característica já seria suficiente para se duvidar de sua existência, mas o narrador ainda acrescenta o tom exageradamente branco de sua pele. Pode-se perceber que, apesar de ser repleta de qualidades, como beleza e inteligência, Ligeia é descrita como uma figura praticamente fantasmagórica, porém de aspecto angelical. Mesmo quando estava em seu leito de “morte”, a moça não perdeu a sua magnitude. Após a morte da esposa, o narrador alega ter se entregado ao ópio. No entanto, levando em consideração a forma como Ligeia é retratada no conto, além da completa ausência de lembranças da sua vida

de solteira, pode-se supor que tal substância já era presente na vida do narrador, antes dos acontecimentos descritos no conto.

Sabe-se que diversas substâncias tóxicas podem causar alucinações, como o LSD (Ácido Lisérgico Dietilamida), que causa, entre outras coisas: delírios, sensação paranoide de poder voar, distúrbios visuais e, em casos mais graves, morte acidental. No caso do ópio, que é retirado da papoula *Papaver somniferum*, seus principais efeitos psíquicos são: deterioração intelectual, mente letárgica, diminuição da capacidade de vigília, perda de contato com a realidade e declínio dos hábitos sociais. Diante disso, é possível compreender que o narrador possivelmente já utilizava substâncias capazes de alterar o seu domínio psicológico, o que leva à compreensão de que Ligeia seria apenas uma alucinação criada a partir dos efeitos do uso do opiáceo. Por conta disso, as características que são atribuídas à alucinação “Ligeia” podem ser consideradas como o que os psicólogos James Fadiman e Robert Frager (1986), a partir de estudos freudianos, vão chamar de *elaboração onírica*:

Esta é o conjunto das operações que transformam os materiais do sonho (estímulos corporais, restos diurnos, pensamentos do sonho) num produto: o sonho manifesto (La Planche e Portalis, 1973, p.664 na ed. bras.). Um sonho não aparece simplesmente; ele é desenvolvido para atingir necessidades específicas, embora não sejam descritas de maneira clara pelo conteúdo manifesto do sonho. Quase todo sonho pode ser compreendido como a **realização de um desejo**. O sonho é um caminho alternativo para satisfazer os desejos do id³ (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 17).

A partir do momento em que Ligeia é aceita como uma alucinação (ou sonho de um viciado) e aceita-se a sua existência como a realização de um desejo do narrador, abre-se a prerrogativa de que esse desejo que habita o subconsciente do narrador possa ser o desejo de ter suas qualidades reconhecidas, já que a sua mente projeta em Ligeia características que ele considera admiráveis: beleza, erudição, caráter, eloquência. E, como Fadiman e Frager elucidam no livro *Teorias da Personalidade*, a *projeção* é

³ É a essência primordial da personalidade, sofrendo influências do ego e do superego. É amorfo e desordenado.

O ato de atribuir a uma outra pessoa, animal ou objeto as qualidades, sentimentos ou intenções que se originam em si próprio [...] A variável crítica na projeção é que não vemos em nós mesmos o que parece claro e óbvio nos outros (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 22).

Tal conceito fica bastante claro quando o narrador tenta acompanhar o ritmo perfeito de Ligeia: por mais que se esforce e estude, o narrador julga nunca conseguir alcançar o nível intelectual de Ligeia.

Falei da cultura de Ligeia. Era imensa. Conhecia as línguas clássicas e modernas. E as ciências. Todas. Mas eram conhecimentos profundos, espantosos. Tanto que eu me sentia uma criança primária e me deixava guiar por ela no mundo da pesquisa física, da investigação metafísica. Parecia saber tudo, e eu me curvava diante de sua esplêndida lucidez. E eu vivia estudando, pesquisando, ilustrando sempre mais a minha mente. Mas me deixava conduzir pela sabedoria de minha esposa. Realmente, eu dependia dela para tudo. Até para pensar, resolver, solucionar. Para viver (POE, 2011, p. 119).

Quando sua “esposa” vem a “falecer” (o que pode ter acontecido em mais um estado alucinatório causado por uma possível abstinência), o narrador encontra-se devastado e resolve seguir uma vida levemente isolada (mais uma característica de quem faz uso de opiáceos) e, finalmente, afirma utilizar substâncias entorpecentes. E, segundo o narrador, é em um dos momentos alucinógenos causados pela droga, que ele decide contrair matrimônio com a senhorita Rowena Trevanion. A existência de tal moça não pode ser considerada uma aparição, pois nela estão presentes elementos que são ausentes em Ligeia, como o conhecimento de sua família e seu interesse nas riquezas do marido. Outro fator a ser citado é o sentimento mútuo de ódio e desprezo por parte do casal. Eles mal conversam, principalmente pelo medo de Rowena em relação aos acessos de raiva do marido (que preferia assim, já que dessa forma poderia ter liberdade para se deliciar com os momentos – comuns – de lembrança de Ligeia).

No entanto, quando a esposa adoece gravemente, no segundo mês de seu casamento, o narrador demonstra estar bastante preocupado com a sua saúde. E são nos momentos que antecedem a morte de Rowena que os primeiros acontecimentos (aparentemente) sobrenaturais irão surgir.

4.2. Morte de lady Rowena e ressurgimento de Ligeia

Os momentos antecessores à morte de Rowena serão marcados por episódios aparentemente sobrenaturais. Mas por que fazer essa afirmação? Porque eles apenas serão perceptíveis por meio de oscilações na luz do leito de morte e pelo balanço das cortinas do lugar. Outro fator que levou a questionar tais acontecimentos é que os únicos a presenciá-los são Rowena, que está acometida por uma febre forte; e o narrador, que constantemente está sob efeito do ópio. Ambos os estados podem levar à manifestação de alucinações. Posteriormente às primeiras manifestações “sobrenaturais”, o narrador prepara uma taça de vinho para Rowena, porém o que acontecerá a seguir dará fim a vida da moça.

[...] quando Rowena levava novamente a taça aos lábios, vi cair dentro três ou quatro gotas grandes de um líquido brilhante e vermelho. Eu vi. Rowena não. [...] Não posso esconder, todavia, que, depois daquelas gotas, seu estado piorou sensivelmente. Assim, na terceira noite, já estávamos preparados para o túmulo (POE, 2011, p. 122).

Considerando que apenas o narrador viu as gotas vermelhas caírem no vinho de Rowena e tendo em vista que ele encontrava-se alterado devido ao ópio, supõe-se que quem colocou o veneno vermelho no vinho da doente fora o próprio narrador. Como esperado, Rowena faleceu poucos dias após beber o vinho envenenado. Quando seu corpo estava pronto para ser sepultado, o narrador, consciente de que suas alucinações eram causadas pelo ópio, presencia o acontecimento “sobrenatural” que mais lhe assustará: a transfiguração de Rowena para a alucinação Ligeia. Tal fato é precedido por um momento de forte desejo do narrador em reencontrar a primeira “esposa”. Imediatamente, acontecem quatro episódios de reanimação do cadáver, até que, por fim, Rowena/Ligeia volta à vida.

O corpo se relaxou, saindo da rigidez da morte. Estava claro: era a vida que voltava, com força, àquele corpo. Rowena sacudiu totalmente as algemas da morte. [...] Poderia ser Rowena viva que estava à minha frente? Lady Rowena, a loura de olhos azuis? Mas por que eu duvidava disso? Tudo ali se parecia muito com ela. Como poderia não ser ela? Mas teria ela, então, se tornado mais alta depois da doença? Que loucura me dominou com esse pensamento? [...] Estremecendo com meu contato, ela deixou cair da cabeça o véu e as faixas que a envolviam. Na atmosfera nervosa do quarto, cheio de panos esvoaçando ao vento, soltou-se enorme massa de cabelos

longos e revoltos. E eram mais negros que as negras asas da meia-noite!
(POE, 2011, p. 124).

O caso descrito por Poe no texto acima poderia ser considerado como uma mistura de dois conceitos de renascimento propostos por Jung no livro *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. O primeiro seria a *metempsicose*, onde ocorre a transmigração da alma de um corpo para outro (como no caso do Buda, exemplo dado por Jung); e a *ressurreição com mutação*, “onde o ressurrecto é um outro ser” (JUNG), em um corpo de distinta estrutura. Contudo, ainda que tal mudança possa ter impressionado o narrador, apenas a diferença dos olhos faz com que o mesmo constate que não se trata mais de Rowena, e sim de Ligeia pois, segundo o narrador, não havia no mundo olhos iguais aos de Ligeia. Seus olhos eram tão impressionantes que causavam ao narrador um certo espanto, misturado com admiração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contido no macrogênero do insólito, o Fantástico é caracterizado por apresentar um elemento sobrenatural que, interrompendo brutalmente a realidade, leva o leitor e a personagem à hesitação. As histórias se passam em ambientes verossímeis ao leitor e suas leis transgridem as leis do mundo natural. Ou seja, o mundo fantástico possui leis que lhe são próprias.

Durante os séculos XVIII e XIX, o gênero fantástico passou por uma renovação: os elementos essencialmente sobrenaturais e que eram frutos da imaginação humana foram substituídos pelo homem e os questionamentos acerca da sua essência. Como visto neste estudo, Edgar Allan Poe foi um dos grandes expoentes dessa nova forma de fazer fantasia. Suas personagens eram carregadas de sentimentos de angústia, vícios, loucura e distúrbios comportamentais. Por razão estilística, o constante uso do pronome da primeira pessoa do singular induz o leitor à crença de que os fatos narrados aconteceram com o próprio autor. Os episódios

sobrenaturais descritos em sua obra são produtos das ações dos personagens e, por isso, muitos deles são questionáveis.

No conto *Ligeia*, o fato a ser contestado é a existência da moça que dá nome ao conto. Após profundas análises, constatou-se que *Ligeia* não passa de uma alucinação da parte do narrador-personagem, que possuía o hábito de consumir ópio. Além do vício, outros fatores preponderantes a serem salientados e que corroboram a hipótese de se tratar de uma alucinação são: a completa ausência de lembranças relacionadas ao passado da moça, a sua aparência fantasmagórica, bem como o excesso de qualidades que lhe são atribuídas.

Considerando os estudos de James Fadiman e Robert Frager sobre conceitos freudianos, percebeu-se que essas qualidades apresentadas por *Ligeia* são, na verdade, atributos que o próprio narrador-personagem gostaria de ter para si. Dessa forma, ele projeta na sua alucinação o desejo de ter as suas qualidades reconhecidas. Esse desejo era tão profundo que, na ausência da alucinação, o narrador se viu devastado e começou a ansiar por revê-la. Sua obstinação tornou-se tamanha que o levou a, talvez de forma inconsciente, assassinar a sua verdadeira esposa, lady Rowena. A mistura dos sentimentos de rever *Ligeia* e livrar-se do obstáculo que era Rowena causa tanto bem-estar ao narrador-personagem, que o faz reavivar a sua alucinação, ainda que o próprio não reconheça seu sentimento de felicidade e o substitua por um certo espanto de revê-la com “vida”.

REFERÊNCIAS

AMARIZ, Marlene. *Ópio*. [S.l.: s.n]: [201-?]. In <http://www.infoescola.com/drogas/opio/> Acesso em 13.Nov.2016.

TIPOS de drogas: LSD e ecstasy. [S.l.: s.n], [201-?]. In <http://www.antidrogas.com.br/lsdecstasy.php> Acesso em 13.Nov.2016.

SILVA, Debora (2014). *Biografia de Edgar Allan Poe*. [S.l.: s.n]. In www.estudopratico.com.br/biografia-de-edgar-allan-poe/ Acesso em 28.Out.2016.

JAMES, Fadiman; Frager, Robert (1986). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra. In https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/366516/mod_resource/content/1/Teorias%20da%20personalidade%20Cap1.pdf
Acesso em 13.Out.2016.

Jung, Carl Gustav (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

VIDA e obra – Edgar Allan Poe. [S.l.]: L&PM Editores, [201-?]. In http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=37
Acesso em 28.Out.2016.

LOVECRAFT, Howard Phillips (2007). *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras. 125 p.

MACHADO, Keila Rackel Tavares. *A presença do gótico em Ligéia de Edgar Allan Poe*. TrabalhosFeitos.com. [S.l.: s.n], [20-]. 14p. In <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Prese%C3%A7a-Do-G%C3%B3tico-Em-Ligeia/47757615.html>
Acesso em 03.Set.2016.

POE, Edgar Allan (2011). *Histórias extraordinárias*. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. [Edição especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 134 p.

TELES, Hanny Francly Passos; TELES, Luciano Everton Costa. *A literatura fantástica de Edgar Allan Poe: Histórias extraordinárias*. CabineCultural.com. [S.l.: s.n], [20-]. In <http://cabinecultural.com/site/wp-content/uploads/2013/02/A-literatura-fant%C3%A1stica-de-Edgar-Allan-Poe-hist%C3%B3rias-extraordin%C3%A1rias.pdf>
Acesso em 03.Set.16.

TODOROV, Tzvetan (2006). *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva. In <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/todorov-t-as-estruturas-narrativas.pdf>
Acesso em 12.Jan.2017.

_____ (2012). *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva. p. 29-46